

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Ferry. Lisboa: Relógio d'água, 2022.*¹

Alessandra Magalhães

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

alessandrademagalhaes@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-7476-9507>

“Ninguém sabia que existiam duas Veras. Uma Vera cai no poço, a outra Vera puxa-a para cima.” (Almeida, 2022, p. 85) Esta passagem mostra, de certa maneira, o cerne do romance *Ferry*, de Djaimilia Pereira de Almeida, publicado pela editora Relógio D’Água, em novembro de 2022. A escritora portuguesa, que tem recebido a atenção da crítica especializada e de importantes prêmios literários, desenvolve, em sua escrita, o questionamento das heranças deixadas pelo processo colonial e pela descolonização, explorando a ideia de múltiplas identidades, testemunho e trânsito, como destacam trabalhos críticos e acadêmicos sobre sua obra.

Ferry é uma narrativa estruturada em 39 capítulos, curtos e não numerados, que investiga profundamente os desafios enfrentados por uma pessoa com uma grave condição de saúde mental e, diante desse quadro, pondera-se quais são os horizontes de uma relação amorosa. O livro coloca o casal Vera e Albano no centro da cena. Eles se conhecem por volta dos vinte anos e passam a vida inteira juntos, dividindo não apenas sonhos, mas também frustrações, sobretudo por não terem atingido aquilo que desejavam profissionalmente e também por não terem tido filhos. Outrossim, precisam lutar juntos contra a doença que atormenta e incapacita Vera por longos anos.

Tanto Vera quanto Albano se formaram em Letras e sonhavam em serem escritores reconhecidos, no entanto isso não se realiza: ela vai trabalhar em uma editora, enquanto ele se torna professor em uma

¹ Este texto é parte do Projeto de Pós-Doutorado Tendências da Literatura Portuguesa no século XXI pela perspectiva de escritoras, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, sob supervisão da professora Cláudia Maria de Souza Amorim.

escola de línguas e tradutor. Vera chega a viajar junto com Albano aos EUA, a fim de fazer pesquisa e escrever seu trabalho de Mestrado, no entanto parece que algo a impede, surge-lhe uma vergonha que toma todo o espaço da sua mente, a agonia da folha em branco faz com que tudo que precisa dizer desapareça, o que tornou praticamente impossível a realização desse trabalho. Nesse sentido, Djaimilia demonstra estar atenta à importante relação da literatura com debates contemporâneos, expondo a pressão da vida acadêmica como um gatilho que pode detonar graves crises.

Outro acontecimento fundamental é que Vera perde uma gestação, adoece e não consegue mais engravidar. Esse bebê, que é nomeado como Mariana, vai se tornar, pela sua ausência insuportável, uma presença constante, sendo, por vezes, um fantasma que assombra suas vidas. A frustração e a tristeza de Vera, por não alcançar a tão desejada maternidade, são abordadas de forma primorosa no livro, que mostra a ideia romantizada de maternidade, partindo do pensamento de que, ao se tornar mãe, a filha faria com que ela perdesse o medo de tudo e se tornasse uma pessoa corajosa. Em contrapartida, aos olhos de seus familiares, não ter se tornado mãe fez com que ela vivesse um grande desgosto, uma incompletude. Inclusive, em um jantar com a família, Vera imagina que está comemorando a formatura de Mariana, sem que os convidados consigam entender o que está acontecendo: “*Que conversa é aquela da Mariana e da formatura de Mariana? Albano, quem é Mariana? Aí tens a prova de como a tua mulher não está bem.*” (Almeida, 2022, p. 22)

É importante notar, como destaca Rita Cipriano (2023), que o livro se divide em duas partes. Na primeira, Vera luta contra si mesma, como se houvesse dentro de si uma outra Vera. É como se ela fosse uma agente dupla, como se uma outra a habitasse e estivesse em guerra com ela, querendo derrubá-la e tentando eliminá-la. Na segunda, observa-se a queda de Vera e sua consequente internação, que provoca também uma suspensão na vida de Albano.

A partir de um determinado momento, Albano não consegue mais cuidar sozinho de Vera e, cedendo às pressões familiares, ele interna a mulher em uma clínica, mas impõe ao estabelecimento a condição se tornar um dos funcionários para que conseguisse viver ao lado Vera. Ele deixa seu emprego anterior e passa a ser jardineiro da clínica. O livro surpreende nesse sentido, pois provoca uma inversão em termos do trabalho de cuidado e sua relação com gênero, visto que maciçamente

são as mulheres designadas a serem cuidadoras e, nesse livro, é o homem quem faz essa função, anulando completamente sonhos e desejos para estar ali, em nome do amor. São, justamente, o cuidado, a entrega, o amor incondicional e sem limites que parecem trazer a cura para Vera, visto que após mais de uma década internada, ela sai da clínica e recomeça a vida com Albano na casa deles.

A autora parece também estar testando os limites da literatura como possibilidade inventiva da linguagem, apresentando, em muitos momentos da narrativa, uma escrita desorganizada, onírica, delirante, entrelaçando espaços e temporalidades. O texto transita entre pensamentos, reflexões, acontecimentos, imaginações, fantasias e delírios, simulando um retrato do que está se passando na mente de Vera. A narrativa não é linear e, ainda que a terceira pessoa seja predominante, a primeira pessoa irrompe inúmeras vezes, sendo grafada em itálico e representando páginas do diário escrito por Vera ou falas e mensagens de seus familiares.

O trânsito, importante marca do projeto literário de Djaimilia, é apresentado no livro a partir da perspectiva interna da protagonista que deambula de uma margem – a da lucidez – à outra – a da loucura. Nesse sentido, o deslocamento do ferry, que dá título ao livro, aparece como uma metáfora da própria vida de Vera, do ir e vir em águas ora calmas ora turbulentas. Assim como o ferry, Vera era comandada por um pêndulo que a levava a fazer a travessia, viajando entre essas duas margens.

Ferry configura-se, então, como um romance que aborda problemáticas fulcrais da contemporaneidade, tais como: questões de saúde mental, romantização da maternidade, relação entre gênero e trabalho de cuidado. O livro relembrava-nos ainda do amor como possibilidade de cura, ampliando, desse modo, os horizontes discursivos da literatura.

Referências

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Ferry*. Lisboa: Relógio d'água, 2022.
- CIPRIANO, Rita. Uma viagem de ferry em direção ao que mais importa. *Observador*, 14 jan. 2023. Disponível em: <https://observador.pt/2023/01/14/uma-viagem-de-ferry-em-direcao-ao-que-mais-importa/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Data de submissão: 09/08/2024.

Data de aprovação: 06/11/2024.